

TRÊS X QUATRO

JORNAL LABORATÓRIO COMUNICAÇÃO UFRGS - JUNHO 1987



VELHOS E CRIANÇAS

IDADES DE ENCANTO E DUREZA



FOTO ANGELA SANDER

DESINHOS ANA CAVALDAIA (Pinto)

EDITORIAL

Tá na mesa

Devido à arrumação dos armários da Fabico, o "3x4 dos jovens" ainda vive da esperança de reencontrar seus originais. A história completa é, sem dúvida, um pouco amarga, já que os formandos desta disciplina sonhavam em ver ao menos esta realização mais imediata pós-greve.

Imagine a desilusão em receber a notícia do mestre: "Meninos, arrumaram os arquivos e o envelope de matérias sumiu". Desilusão? Revolta, quem sabe. A coisa é que partimos pra outra.

Recomeçamos com o "3x4 dos velhos e crianças". Uma tentativa de penetrar em seus mundos e escrever sobre música, lazer, esporte, asilo... enfim, realidades às vezes duras e, paradoxalmente, cheias de encanto — viva o cotidiano (incógnito do mistério)!

Nos deparamos com os problemas de sempre: pobreza, falta de diálogo, abandono, dores de todos os tipos... e os sentidos calejados por defrontarem-se com o "habitual" correm o perigo de encherem laudas de palavras vazias.

Este 3x4 é um desafio: para quem escreveu, em conseguir transmitir algo velho de uma forma nova; para quem lê, em conseguir colher o novo que pode estar escondido nestas páginas cheias de letras e imagens.

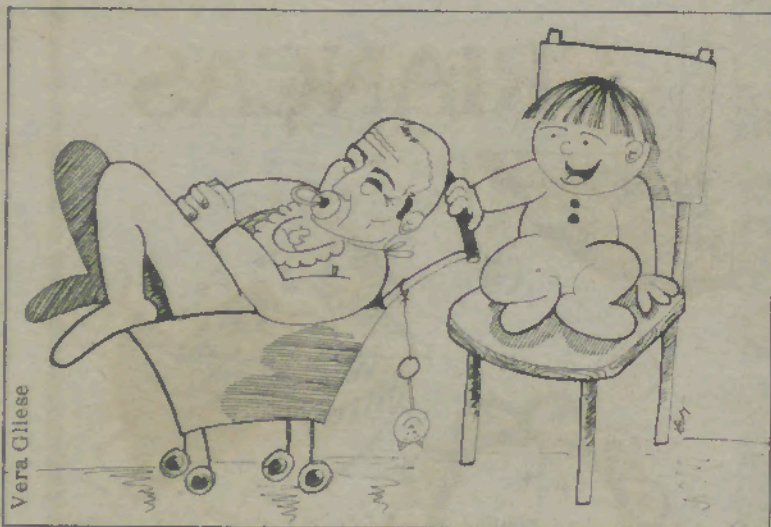
Velho e novo: extremos incrivelmente juntos.

"Vem de dentro um rumor de pratos e talheres. Alguém põe a mesa. Vovô enrola o último cigarro, ao sereno. Lili vem brincar mais perto da porta. De misteriosas andanças, aponta, à esquina, o cachorro da casa.

"Está na mesa".

Agora todos se reunirão em torno da sopa fumegante.

E em vão à noite apertará o cerco primitivo. E em vão o antigo Caos, nos confins do horizonte, ficará rondando como um iguanodonte esfomeado..." (Mário Quintana)



Expediente

Jornal Laboratório dos alunos do oitavo semestre do Curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Primeira edição do primeiro semestre de 1987, elaborada pela turma da disciplina de Produção e Difusão de Jornalismo Gráfico, sob a coordenação dos professores Anibal Bendati e Pedro Maciel.

Participam desta edição: Ana Cláudia Gruszynski, Angela Sander, Carlos Alberto Costa Souza, Carlos Walter Kluwe, Clarinha Glock, Cláudete de Azevedo Barcellos,

Fabio Costa Dias, Júlio César Ribeiro, Lais Lisboa Chaffe, Leonardo Sartori Porto, Liliam Chagas de Moura, Luciane Flora Costa, Luzia Camargo, Mara Regina Conde, Mara Rejane Dias, Márcia Balbão Andrade, Maria Fernanda Pacheco, Marta Frandoloso, Rosa Manchesski, Suzana Peres dos Santos, Vera Gliese.

Chefe do Departamento de Comunicação: Ricardo Schneiders da Silva. Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Lourdes Gregol, Rua Jacinto Gomes, 540, Porto Alegre — RS.

Impresso na Empresa Jornalística Caldas Júnior.



Flores da Cunha (ao centro) numa foto de Lauro Porto em 1936

O jornalismo repensado

O jornalismo atrai pelo seu aspecto aventureiro. Na velha geração de jornalistas este romantismo sempre esteve presente, agora ele já está corroído pelo ceticismo da nova geração. O que acentua a visão mais crítica com que, após o surgimento das faculdades de jornalismo, os estudantes e novos profissionais de imprensa vêm os meios de comunicação social.

Como um dos primeiros fotógrafos contratados pelo Correio do Povo, Lauro Porto começou a trabalhar no jornalismo em 1928. Antes disto ele era funcionário de um atelier fotográfico. O jornalismo foi uma experiência casual que o cativou e do qual só foi sair em 1971. Principalmente a dinâmica do jornal o atraía, pois naquela época o fotógrafo cobria tanto a parte de notícias como a publicidade. Mas era a reportagem policial que o realizava: a vida noturna nos cabarês onde a cocaína e a morfina eram parte integrante, a disputa por um "furo" e possibilidade de achar o assassino o fascinavam.

A utilização da informação pelos movimentos populares numa maneira diferenciada dos meios de comunicação de massa é o motivo pelo qual Carla Ferreira cursa jornalismo na UFRGS. "Socializar a informação para mim é um projeto de vida" e Carla acha que mesmo num grande jornal isto é possível. "Às vezes se acha uma abertura nos grandes jornais para uma notícia mais engajada com a luta popular".

POLÍTICA JORNALÍSTICA

Para Lauro Porto a função social do jornalismo está centrada no assistencialismo. Ele diz: "quando alguém reclamava de um buraco em sua rua nós íamos lá, tirávamos uma foto e a prefeitura acabava consertando este defeito". Não havia, segundo Lauro, uma preocupação com o poder que a imprensa tinha sobre a comunidade — à exceção dos donos de jornal, é claro. Foi este poder que fez com que Alexandre Bach resolvesse cursar jornalismo na UFRGS. Ele acha que o jornalista participa mais ativamente da vida política do país, pode denunciar erros, propor sugestões — inclusive a nível imediato. Ele cita o exemplo da reportagem policial, onde a imprensa eventualmente chega antes ao criminoso do que a polícia.

Já Edgar Gonçalves vê no jor-

nal uma forma de veicular suas idéias. "Eu tinha uma visão restrita do jornalismo antes de entrar para a Fabico (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social da UFRGS), não conhecia o seu poder ideológico". Estes três anos na faculdade foram fundamentais para Edgar: "eu pude avaliar se queria realmente ser jornalista".

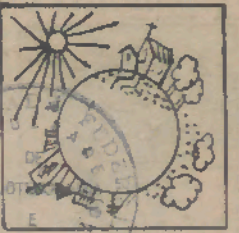
"Jornal é comércio", esta antiga verdade dita por Lauro Porto tem sido repensada depois do surgimento das faculdades de jornalismo. Os futuros jornalistas não entram "por acaso" numa

redação, ou não são "advogados" que trabalham no jornal para custear seus estudos, eles têm a possibilidade de pensar durante quatro anos em sua função. A faculdade não apenas prepara tecnicamente o aluno, como o põe em contato com a discussão sobre o papel dos meios de comunicação em nossa sociedade. Esta é a diferença entre a velha e a nova geração: a nova pode pensar no que estará fazendo, enquanto que a velha só refletia sobre o que estava fazendo.

Leonardo Sartori Porto



Lauro Porto e sua máquina que já tirou fotos de Getúlio Vargas e Marta Rocha



A busca da religião na terceira idade

Vivemos numa sociedade onde está nítido o conceito de que quem não produz, não consome (e não vota) fica relegado a segundo plano. Começa por aí a rejeição dos valores da terceira idade. E quando o indivíduo chega neste ponto fica mais evidente a tendência de se voltar para a religião, ou simplesmente para sua transcendência pessoal, seja espiritual ou emocional.

Lenea Gaelzer, Livre Docente em Recreação e Doutora em Ciências Sociais acredita que o fato de o idoso buscar ou não a religião vai depender de toda a sua formação, educação e filosofia de vida. "Há algumas indicações de que esta tendência para a busca da religiosidade se dá porque durante todo o período em que o indivíduo deu sua colaboração para a sociedade através do trabalho, teve poucas oportunidades de aspirar sua transcendência espiritual", diz Lenea.

Sobre este aspecto, o Padre Tarcísio de Nadal, com 26 anos de Celibato, é mais enfático: "Toda a pessoa humana que não é besta procura a religião, independente de sua idade".

Sabe-se porém, que o momento em que a pessoa passa a ter mais tempo para voltar-se para dentro de si mesma e aspirar um encontro com seu "eu" é fundamental para ter um contato consciente com a religião. "Se mantivermos a idéia de que não estamos falando de determinada religião, mas sobre um desenvolvimento espiritual, então vamos cair na problemática do tempo livre. Por exemplo se a pessoa fez do trabalho todo o sentido de sua vida, ela precisa reorganizar-se no momento da aposentadoria, passando a questionar-se sobre sua perspectiva de futuro em termos de expectativa de vida e até de quanto tempo ela terá ainda pela frente", complementa Lenea.

A rejeição do velho na própria família e a falta de espaço para ele na sociedade podem

ser um forte indicador para que ele se refugie na religião. Outro aspecto é a falta de contato com outros idosos onde possa discutir o seu papel na sociedade e seus projetos de vida, e de como manter-se útil e respeitado. Lenea Gaelzer acredita que a religião traz consigo uma dose de resignação, de maior compaixão que permite ao idoso enfrentar melhor os problemas criados por esta sociedade em relação a ele.

MEDO DA MORTE

Ao se aproximar da terceira idade, o velho sente a necessidade de questionar-se sobre o futuro que, obviamente, implica em pensar sobre a morte. "O idoso busca na religião motivos para superar o medo da morte e do futuro, voltando a acreditar (se não acredita) numa vida após a morte. Neste sentido as religiões que acreditam na transcendência de uma vida para outra trazem muito conforto e têm acenado a possibilidade de o indivíduo sentir que esta vida é uma passagem e que noutra vida ele terá outra missão a cumprir", exemplifica Lenea.

A Dra. Lenea Gaelzer acredita que para algumas pessoas a religião se compara a uma mula: "Alguns precisam mais e outros menos". Para ela, "dependendo da religiosidade que o indivíduo possui, ou vai precisar ouvir outras pessoas relacionadas diretamente com a religião, seja o padre, o pastor ou o rabino, ou não, encontrando em si mesma as respostas para suas aspirações de transcendência espiritual", conclui.

Para o Padre Tarcísio, os idosos talvez procurem a religião com mais frequência pela "urgência de dar sentido à vida, mas na verdade o que poucos descobriram é que a maior religião é o amor", define ele.

Marta Frandaloso

A (des)estrutura etária brasileira

Em qualquer país, a forma como se distribui a população segundo as idades (Composição Etária) possui um significado social, político e econômico muito grande. Significado que permite a associação entre desenvolvimento, subdesenvolvimento e Composição Etária que, por sua vez, está diretamente relacionada com as taxas de natalidade e mortalidade.

Não é por acaso que, dos 120 milhões de brasileiros, cerca de 35 milhões sejam crianças com até 10 anos (aproximadamente 30% da população), enquanto que somente 3% da população ultrapassa os 65 anos. E também não é por acaso que morrem cerca de 100 crianças por mil nascimentos (uma taxa de mortalidade infantil de 10%, uma das maiores do mundo).

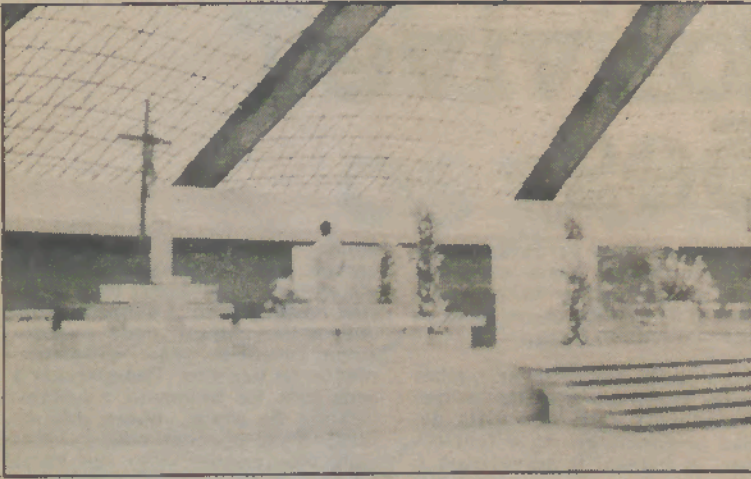
"O Brasil é um país jovem!" A frase é repetida incansavelmente e com vigor, principalmente por políticos que insistem em ver na grande massa de jovens brasileiros um sinônimo de desenvolvimento iminente. A primeira vista, claro que é empolgante pensar em um país cujos jovens (de 0 a 20 anos) totalizam mais da metade da população. Associa-se, logo, juventude a dinamismo, força, progresso. Por outro lado, para que a associação seja verdadeira, este tipo de população exige altos investimentos que não retornam a curto prazo — e que no Brasil, por sinal, nem são feitos: em qualquer sociedade bem estruturada,

todo indivíduo com menos de 20 anos deveria desfrutar do direito de se preparar para a vida adulta. E isto significa boas condições de alimentação, saúde e educação. Quanto aos indivíduos de mais de 65 anos, deveriam desfrutar do direito de descansar com segurança. Somadas, a população de jovens e velhos formam uma população economicamente não ativa (teoricamente), que não participa do mercado de trabalho e depende da outra parte da população. No Brasil, este grau de dependência é alto e tem sérias repercussões econômicas. E, o que é mais grave, as crianças brasileiras não têm condições de desfrutar de uma educação que as prepare para a vida adulta, muitas vezes necessitando recorrer a subempregos, quando deveriam estar estudando. Quanto aos velhos, os dados estatísticos mostram que a grande maioria nem atinge os 65 anos, ou seja, a maioria dos brasileiros não consegue atingir a velhice, consequência das péssimas condições de vida enfrentadas.

As taxas de natalidade e mortalidade, embora venham caindo consideravelmente desde 1950 em todo o mundo, continuam sendo maiores no Brasil e nos países subdesenvolvidos. Mas estes dados, embora de grande importância, não deveriam ser utilizados em relações simplistas de causa e consequência. O desenvolvimento ou não de um país envolve fatores variados e muito complexos para

ser relacionado somente com a Composição Etária. Altas taxas de natalidade não podem ser apontadas como causa de subdesenvolvimento, principalmente se considerarmos que países como os Estados Unidos, França e Inglaterra iniciaram seu processo de desenvolvimento com grandes populações jovens. A recíproca, sim, pode ser considerada verdadeira. Encarando de frente o problema, podemos constatar que, como país subdesenvolvido, nossa grande massa de população pobre não sabe interferir em sua fecundidade, o que ocasiona as taxas altas de natalidade, gerando um círculo vicioso. A forma mais racional de interferir neste círculo, seria educando a população, dando-lhe melhores condições de vida. Pesquisas realizadas em São Paulo provam que o número de filhos de mulheres com apenas três anos de instrução já é bem menor do que no caso de mães analfabetas, e vai caindo gradualmente à medida que o nível de instrução aumenta. Por outro lado, medidas autoritárias de controle de natalidade (que não é sinônimo de planejamento familiar) são bem mais rápidas e fáceis, não mexendo na estrutura social do país. E, por isso mesmo, bem mais sugeridas no Brasil; fazendo parte, inclusive, de algumas cartas de intenções de países do 3º Mundo do FMI. Infelizmente, é a ideologia de Justo Veríssimo predominando...

Lais Lisboa Chaffe



A doutrina religiosa transmitida à criança

Religiosidade: Como transmitir às crianças

Gabriel é um garoto de sete anos e a sua idéia de Deus é um velho barbudo que fica lá no céu. Ele pode ser bonzinho ou ficar bravo, conforme nosso comportamento.

O garoto tem a idéia de Deus que lhe foi passada em casa e na escola. O psicólogo Marcos Antônio Viñas, formado pela UFRGS, 32 anos, explica que entre quatro e dez anos as crianças concretizam à sua moda o que lhes é transmitido. Nesta faixa etária, os pequenos ainda não têm condições de mexer com abstrações deste tipo.

Geralmente, afirma Viñas, os pais passam para seus filhos uma imagem de Deus cheia de duplos sentidos e até contradições. Coloca-se Deus como alguém muito generoso e forte, superior ao pai e a mãe, mas também capaz dos mais severos castigos, dono absoluto dos destinos das pessoas.

Mas é com a chegada da adolescência que o jovem começa a repensar essas noções e estabelecer uma nova relação com a religião.

Viñas explica o desenvolvimento da religião do homem pré-histórico comparando-o com a compreensão que a criança tem do abstrato. Ele argumenta que assim como a criança, o homem, nos seus primórdios, relacionou a natureza com o sagrado. Precisou criar entidades para explicar e dirigir cada fenômeno do universo, que eram para ele inexplicáveis. A religião liga o ser humano a uma potência superior de que ele sente depender e a quem cultua.

Viñas afirma que existia um ser inacessível que tinha propriedades de infalibilidade, infinitude e de mistério. Todas as religiões partiram deste princípio e a diferença só se deu mais tarde.

FORMAÇÃO RELIGIOSA

As crianças são seres curiosos; quando começam a falar

inicia a fase das perguntas e, conforme o psicólogo, este é um bom momento para começar a formação religiosa. Nesta fase a idéia de Deus é facilmente aceita. Elas aprendem que tudo que existe foi feito pelo pai do céu; a imagem será absorvida de maneira concreta. E quando crescerem um pouco mais, substituirão estes conceitos por outros mais elaborados.

Viñas alerta que é preciso cuidar para que a doutrina religiosa não seja transmitida para a criança de maneira definitiva, mas sim como algo que se modifica com o tempo, conforme sua própria verdade.

A respeito do batismo, às vezes fica a dúvida de batizar ou não o filho, dar-lhe ou não uma formação religiosa; isto deve ficar a critério da família. Segundo Viñas, não podemos levar nossos filhos a uma igreja que não frequentamos, nem podemos obrigá-los, quando pequenos, a acreditar em coisas em que não acreditamos.

O psicólogo aconselha a não agirmos de maneira autoritária em assuntos religiosos, pois isto levará a criança a agir impulsionada pela culpa ou pelo medo do castigo divino.

O jovem com a vida interior em ebulição tenta descobrir Deus sozinho. Isto o leva a reflexões sobre sua existência. Esta procura faz com que muitas vezes ele rompa com as idéias tradicionais adotando atitudes inéditas. Alguns jovens se apóiam na fé, enquanto outros se rebelam de maneira violenta contra a religião. Às vezes, acontece que eles partem para um fanatismo perigoso por estar numa fase muito vulnerável. É importante essa fase marcada pela dúvida onde muitos rompem definitivamente com a religião, mas outros têm sua fé restaurada na idade adulta, vindo daí para a frente sua própria religiosidade.

Luzia Camargo



Criança rural vive sem opções

A vida no meio rural também pode ser observada em sua divisão de classes sociais. Como na cidade, existem pessoas que vivem bucolicamente miseráveis ou que ostentam todo luxo possível de ser assimilado por uma propriedade no campo. Isso torna impossível uma generalização em comentários a respeito da criança que convive com esse meio. Como na cidade, um estudo sociológico ou uma simples observação empírica chegaria à conclusão de que existem pobres, ricos e a classe média, também lado a lado ao verde e aos animais.

Em uma comunidade campestre, a ascensão social é rara. A condição de ser um empregado, sem propriedade particular, é transmitida de geração em geração. Um peão, na maioria das vezes, teve um pai e um avô também peões. E seus filhos quase nunca tornam-se exceções.

Como na cidade, a preservação da mão-de-obra é interesse comum aos empregadores. Não são permitidas oportunidades que, porventura, modificariam esse panorama. Dessa forma, a criança já nasce com seu destino traçado. Desde a infância a lida na agricultura e na pecuária é assimilada. O pobre rural começa a trabalhar cedo, a partir do momento em que adquire forças para levantar uma enxada. O ensino, a alfabetização, é relegado a um segundo plano, tanto pelo difícil acesso às escolas, quanto por ignorância dos pais que, mesmo sentindo na carne a falta de perspectivas, não entendem essa condição como resultado da falta de educação.

Todo empregado sonha com um pedaço de terra para produzir em seu benefício e, quando percebe que é praticamente impossível concretizar esse desejo, transfere

as esperanças para sua prole. Mas não oferecem meios para que as crianças venham a realizar essa vontade.

Ainda existe, em certas regiões de nosso estado, um regime semi-escravagista. Teoricamente, todos possuem livre-arbítrio, mas, da mesma forma que ocorreu logo após a abolição, os empregados são forçados a submeterem-se aos caprichos do patrão, por falta de opção. Os que se revoltam com essa condição acabam por aumentar o número de favelados das cidades grandes, que não suportam o acréscimo de elementos sem nenhum preparo para a vida urbana.

Existem certas condições favoráveis à criança rural, em comparação à urbana. Por mais miserável que o agricultor seja, seus filhos raramente morrem de fome. Podem ser mal nutridos por ignorância dos pais (não possuem

o hábito de comer verduras e existem famílias que usam leite para criar os animais e bebem café preto), mas alimentam-se todos os dias e não sentem fome.

A poluição, tanto do ar quanto sonora, praticamente não atinge as crianças rurais. Isso evita doenças psicossomáticas e respiratórias, a tensão, o nervosismo e mais uma gama de males que assolam as cidades. Mas devido aos defensivos agrícolas, cada vez mais utilizados em pequenas e médias lavouras, as águas dos rios e riachos, no interior, estão se tornando cada vez mais poluídas. As fontes subterrâneas que ainda são utilizadas na maioria das propriedades não têm cloro, nem flúor ou coliformes fecais.

A televisão bitola ou desperta a criatividade das crianças? Essa discussão basicamente urbana, com a eletrificação rural cada vez mais distribuída, está se tor-

nando perceptível também no campo. É um fator até então inexistente no meio rural hoje preocupante e incômodo. O consumismo chegou ao campo, onde o peãozinho também pede, insistentemente, os bonecos Thundercats a seus pais. Ou batem pé e gritam: "Chega de aipim, quero danoninho". Pode parecer cômico, mas está acontecendo. Não são raros os casais de jovens empregados rurais que impõem, como condição para aceitar um emprego, uma televisão. Em um caso específico, a proposta do proprietário incluía a cessão de um pequeno terreno para que um casal produzisse em benefício próprio. Também ofereceu as sementes e demais insumos necessários para a primeira lavoura. Mas negou a TV, e eles não aceitaram o emprego.

Fábio Costa Dias

O esporte melhora a vida de velhos e crianças

Velhos e crianças. Crianças e velhos... Mais do que uma oposição, são os dois pólos de um mesmo segmento: a vida. Não é difícil, portanto, compreender porque eles se encontram e se entendem tão bem apesar de parecerem tão distantes um do outro.

A praça e o sol são condições que propiciam o encontro de ambos. E é nela, também, que presenciamos freqüentemente o tema do título acima - o esporte.

Para a criança o esporte faz parte da vida e acontece naturalmente no decorrer de suas atividades. Basta subir num muro, correr ou pular e a criança estará fazendo exercício. Para o seu companheiro, o velho, a coisa não é

tão simples. Já cansado e com os músculos esgotados pela vida, devem tomar certos cuidados ao fazer esforço físico.

Uma boa orientação e um acompanhamento feito por um especialista podem garantir para o velho a manutenção da saúde física e mental e, mesmo, o prolongamento de uma vida útil.

Apesar de nunca ser tarde demais para se começar alguma coisa, no que diz respeito ao desenvolvimento físico é bom começar cedo. Mas é melhor não exagerar.

Segundo especialistas, é prejudicial à criança tentar transformá-la num jogador desde cedo.

Primeiro deve acontecer o desenvolvimento neuropsicomotor, o domínio corporal. Depois, o treinamento especializado e a escolha de um esporte.

Na forma como o desenvolvimento físico é encarado hoje no Brasil, a criança é incentivada a optar cedo demais por um esporte. Esse treinamento, às vezes muito duro para um corpo jovem, pode demandar em problemas fisiológicos (ossos, articulações e músculos), além de preparar o atleta apenas para chegar até o juvenil. Depois dos 19/20 anos o esportista que iniciou precocemente a sua formação sente-se esgotado pelo treinamento exaustivo, abandonando o esporte antes de chegar à fase adulta.

O reverso dessa medalha é o adulto que nunca (ou muito raramente) praticou um esporte e, sentindo o seu corpo envelhecer, tenta inutilmente recuperar o tempo perdido.

Muitos são os corredores de fim de semana e poucos os que reconhecem os perigos a que estão se expondo.

Exercitar-se é bom e saudável apenas quando praticado na medida certa. Essa medida, para Ana Luiza, do setor de fisioterapia do IPA, é de no mínimo três vezes por semana. Ela aconselha também a usar a própria vida diária para fazer exercícios. Caminhar mais e alimentar-se melhor preparam o organismo para a prática do esporte.

Assim, para velhos e crianças é aconselhável um exercício regular com acompanhamento e orientação, evitando assim a fadiga, os distúrbios físicos e consequências traumatizantes.



Mara Conde

Praças: o espaço do lazer diário

Existe um lugar em que idades completamente opostas conseguem conviver harmonicamente. Este lugar é a praça. Recanto para idosos, paraíso para crianças. É neste local que ambos se aproximam um pouco da natureza, tão escassa nas grandes cidades.

As crianças, maioria moradora de apartamentos, visitam as praças à procura de espaço, de terra, de ar puro e de diversão. Os velhos necessitam delas para sair do tédio, pegar um sol, ver o movimento e apreciar a vitalidade dos pequenos.

Dalma Costa, 67 anos, freqüenta a praça em frente ao edifício em que mora. "Sou muito sozinha, meu filho trabalha todo o dia. Depois que termino o serviço de casa venho para cá descansar e conversar com as vizinhas".

Na mesma praça, sentado num banco isolado encontra-se Isoldo Oliveira, 72 anos, que aposentado reclama da vivência na cidade grande. "Nasci no interior, no campo, vim para Porto Alegre atrás de emprego. Trabalhei toda a minha vida e agora com o dinheiro da aposentadoria não consigo sair de um apartamento de dois quartos. Na praça pelo menos fico embaixo das

árvores, me lembro do tempo de criança."

Se de um lado existe passatempo e recordações, de outro existe a sede de vida, o descobrimento, a vibração pelas brincadeiras. São as crianças que alegres e agitadas iniciam, nas pracinhas, a convivência social.

No dividir um lugar na areia para brincar com o baldezinho, a criança começa a perceber seu espaço e o dos outros. É isso segundo a mãe de Simony é uma das razões que a faz levar a filha de 2 anos e 7 meses todas as tardes para brincar.

Afastados do sistema de produção, uns pela pouca idade, outros por já estarem ultrapassados, crianças e velhos, perdidos no tempo e no espaço, desfrutam assim de algumas horas de lazer diário.

Por imposições que os centros urbanos criaram, parece ser a praça, ainda, o local preferido dos que conseguem livrar-se das creches e asilos. Preservá-las, portanto, é a contribuição mínima que se pode dar a idades tão complexas e discriminadas.

Suzana Peres



Vera Gliese

Vera Gliese



Televisão condiciona os padrões infantis



Uma autora criança

Maria Dinorah é formada em letras, com cursos de aperfeiçoamento, especialização e pós-graduação em literatura da língua portuguesa. Defendeu tese na UFRGS, sobre "a literatura infantil de Erico Veríssimo". Considera a literatura infantil de Erico a obra clássica de gênero, e "a única que tínhamos até pouco tempo".

Dedicou-se 18 anos ao magistério, aplicando experimentalmente a literatura infantil em classes de alfabetização. Paralelamente, passou a transmitir essa vivência em palestras nas escolas, bibliotecas e academias, dedicando-se também a atividades jornalísticas. Colaborou com histórias e artigos no Correio do Povo e na criação e direção do Comercinho (suplemento infantil do jornal do Comércio). Na coluna da Zero Hora ela recebe novas obras das editoras, e comenta apenas aquelas que gostou.

"As pessoas gastam verdadeiras fortunas com determinadas coisas que lhes dão status, mas não são capazes de investir num livro infantil alguns cruzados", diz a autora. Coloca que o livro, nas sociedades de consumo, não tem seu valor reconhecido. E insiste na palavra "investimento", pois segundo pesquisas científicas, o hábito da leitura se forma dos seis aos catorze anos e, depois disso, só três por cento conseguem adquiri-lo.

Tem em torno de duas dezenas de livros editados e espalhados por várias editoras. A Melhoramentos chegou a pensar em exclusividade, mas desistiu da idéia, pois não teria condições de absorver toda sua obra. Mesmo porque, as editoras dificilmente lançam mais de um livro ou coleção do autor por ano.

Não tem preferências entre

seus trabalhos. Considera que o autor tem que gostar daquilo que escreve. Mas ressalta a importância do "Macaco Preguiçoso", que ao ganhar o prêmio da Associação dos Críticos de São Paulo, praticamente lhe abriu o mercado nacional. Sua primeira obra de poesia infantil saiu na coleção "O Menino Poeta", pela Mercado Alberto, junto com as de Mário Quintana, Carlos Nejar entre outros. Este sim, "um trabalho de fundamental importância". A poesia infantil, segundo a autora, alia o imenso mundo criativo da literatura com o "doce balanço poético".

"Quisera eu ter uma hora específica e metódica para escrever", comenta Dinorah sobre como trabalha. Não tem método e se utiliza basicamente da inspiração para compor seus livros. Escreve quase todas as histórias infantis no mês das férias, que passa habitualmente na praia, regida anarquicamente pelo gosto da criação. Durante o ano, escreve principalmente poesias, e, claro, alguns esboços.

Sem parodiar Mário Quintana, a autora confessa: "Estou deslendo, pois já li muito e demais durante toda a minha vida". Abusou do que se diz literatura (e do que não se diz, também), a ponto de ler o que consideramos clássicos: Nacionais e mundiais. Mas tá dando um tempo. Agora acompanha apenas todos os lançamentos da literatura gaúcha. E lê de tudo das obras dos pequenos. "até por gosto e dever do ofício".

Sobre concorrência, aponta mais de vinte autores de respeito além do quarteto agraciado pela simpatia da crítica nacional: Ruth Rocha, Lygia B. Nunes, Fernanda L. de Almeida e Ziraldo.

Carlos Kluwe

Quando mencionamos o binômio criança-televisão, estamos identificando uma forte relação de causa e efeito, singular sobretudo devido às especificidades do meio de comunicação e às condições biopsicossociais das crianças.

Se falar na influência direta da televisão no comportamento, costumes e desenvolvimento das crianças é uma tarefa complicada, isso se torna mais complicado ainda quando esta criança está inserida em uma sociedade consumista, subdesenvolvida e com gritantes diferenças sociais como a sociedade brasileira e demais do terceiro mundo.

É urgente que os pais e os educadores de nossas crianças identifiquem determinados aspectos da programação das emissoras comerciais, que combinados com fatores econômicos, ambientais e sócio-culturais, condicionam valores e comportamento.

QUINTO MEMBRO

Hoje, a televisão recebe crescente importância nos lares do mundo interior. No Brasil, uma família em média é constituída de pai, mãe, dois filhos e a televisão. Os horários dispensados dentro da programação das emissoras para o público infantil têm crescido de uma forma curiosa, chegando a haver emissoras que veiculam desenhos animados às 22hs.

As estruturas de marketing dos grandes anunciantes acreditam que a criança é um forte elemento de decisão na hora das compras da família, e têm centralizado esforços nesse tipo de público. Segundo Jorge Wilhelm, ex-secretário do Planejamento de São Paulo, a televisão não

existe para educar, ou informar, mas para vender. Vender hábitos, idéias e produtos.

DEZOITO MIL ASSASSINATOS

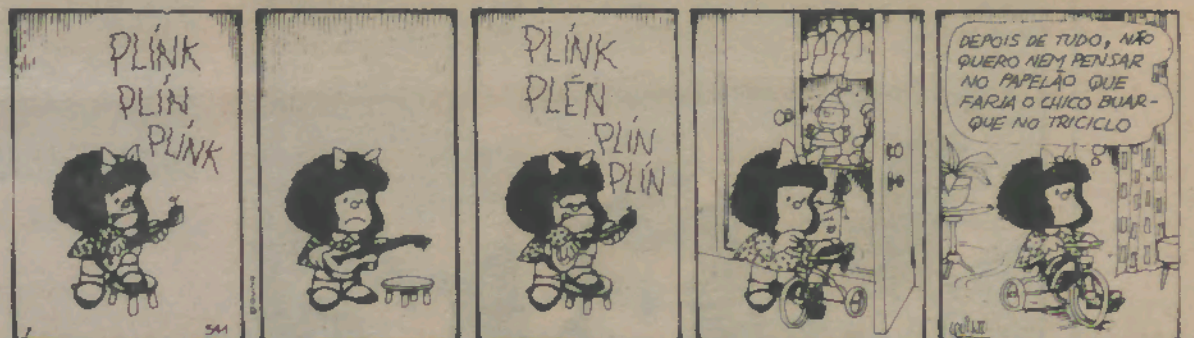
Dentro da conjuntura econômica moderna, em que pressionada pelas necessidades a mãe é assustadora para o trabalho fora de casa, é assustador o tempo que as crianças ficam expostas à televisão. Em média, uma criança em idade escolar fica de três a quatro horas aos cuidados da "babá eletrônica". Essa mesma criança, segundo estatísticas de especialistas americanos, ao chegar ao ginásio terá em média quinze mil horas de vídeo, tendo sido exposta a cerca de trezentos e cinquenta mil comerciais e "participado" de dezoito mil assassinatos.

Para Maristela Castro, formanda em magistério, a responsabilidade maior é dos pais, visto que esses podem regular o uso do aparelho de televisão, selecionando as programações e o horário de exposição.

É consenso entre muitos educadores que a tevê tirou das crianças a habilidade de compor imagens em sua mente, como quando se sentava para ouvir histórias contadas pelos pais e avós. A televisão, se por um lado descortina aspectos da realidade para a criança, não é hábil em dissociar a fantasia dessa realidade. A criança que se expõe em demasia à tevê cria uma postura de passividade, dado a característica seqüencial da programação, que não lhe deixa pensar.

Existem aspectos positivos dentro das programações televisivas, contudo é comos aspectos negativos que devemos, nós pais e educadores, centralizar nossa atenção, permitindo assim um desenvolvimento sadio as nossas crianças.

Júlio Ribeiro



A indústria do disco descobre novo público

Nos anos 70, "Capitão Asa e Martinha" eram ídolos de uma multidão de pequenos ouvintes; nos 80, Vinícius e Chico fizeram sucesso com os discos "Arca de Noé" e "Saltimbancos". Recentemente, surgiram grupos integrados só por crianças, que se firmaram no panorama musical de tal forma que, atualmente, vendem mais do que alguns "superstars" do rock mundial. A indústria do disco festeja a descoberta dos novos consumidores de música: o público infantil.

No Brasil, se teve idéia da real dimensão deste público e da sua importância quando o fenômeno "Menudo" levou multidões de fãs aos estádios brasileiros. Tumulto, mortes, histeria, como nos shows dos Beatles. Isso que 99% eram meninas, já que os meninos não cantam nem dançam sem parar, alheios à mensagem dos companheiros porto-riquenhos: Não se reprima, não se reprima! Os Menudos foram um estrondoso sucesso comercial e desde então proliferaram conjuntos infantis — Balão Mágico, Trem da Alegria

—, alguns bastante criativos e outros nem um pouco, que só existem devido à ambição cega de algum produtor. No rastro dos Menudos, surgiram ainda Dominó e Absyntho, formados por adolescentes que dançam e dubiam muito mal, mas que conseguem satisfazer o gosto das "menudetes".

Para os mais novinhos, a Xuxa é uma opção, pelo menos boa parte da audiência do "Xou da Xuxa" já comprou o disco, no qual a ex-modelo ataca com músicas sobre seu cãozinho Xuxo e declarações para o He-Man. A referência da TV diz alguma coisa quando se sabe que a audiência do programa da Xuxa (quase 7 milhões de telespectadores) é maior do que a circulação diária reunida de todos os jornais do Brasil.

HABITO DESCARTAVEL

Apesar de venderem tanto, os grupos citados não fazem parte da discoteca de uma minoria de crianças que estuda música. Renato, 10 anos, faz aulas de piano, mas se interessa mesmo por um teclado eletrônico, com acompa-

nhamento de bateria e guitarra em vários ritmos, no qual ele toca a música-tema do filme "Carruagens de Fogo". Ricardo, 12 anos, toca bateria, ouve Legião Urbana e Dire Straits. Quer formar um grupo de rock e diz detestar os plagiadores e os próprios Menudos: "são uma grande porcaria".

Uma professora de violão, que dá aulas particulares em Porto Alegre, diz que são poucas as crianças que evoluem no instrumento — "ela tem que ser propensa à música, senão desiste". Ela diz que a maioria das crianças fazem aulas porque os pais querem, e diz ser importante um contato direto com a música na infância, porque ela ajuda a desenvolver a sensibilidade.

É consenso entre alguns pais ouvidos, que os discos infantis, com poucas exceções, não acrescentam muito ao desenvolvimento das crianças, além de serem semi-descartáveis: "Elas enjoam logo das músicas e não querem mais saber do disco", diz Dinorah, mãe de duas meninas, de 5 e 7 anos.

Lilium Chagas de Moura

VOLVER LOS 17



1

LO QUE PUEDE EL SENTIMIENTO



2

NO LO HAI PODIDO EL S



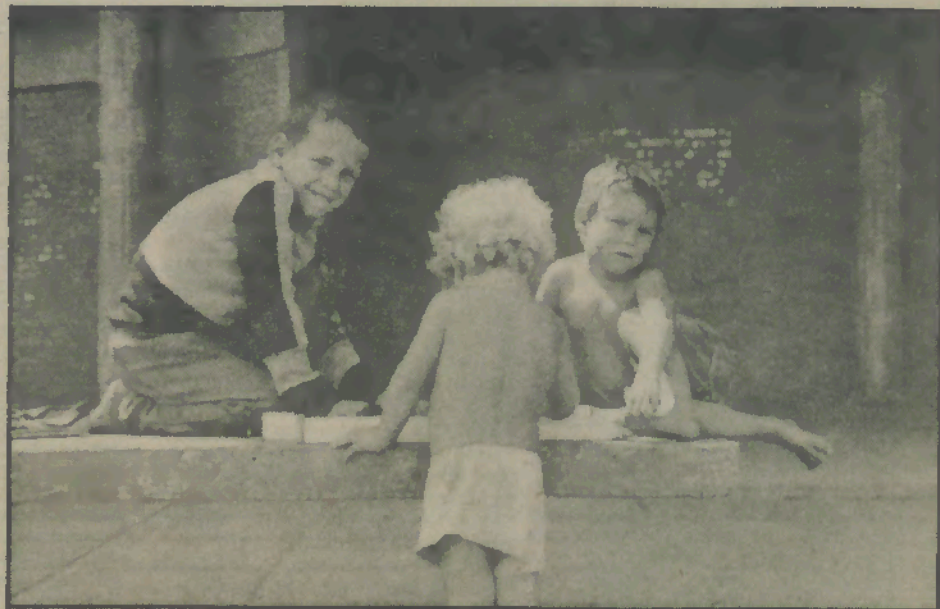
5

TODO LO CAMBIA EL MOMENTO



6

CUAL MAGO CONDESCENDIE



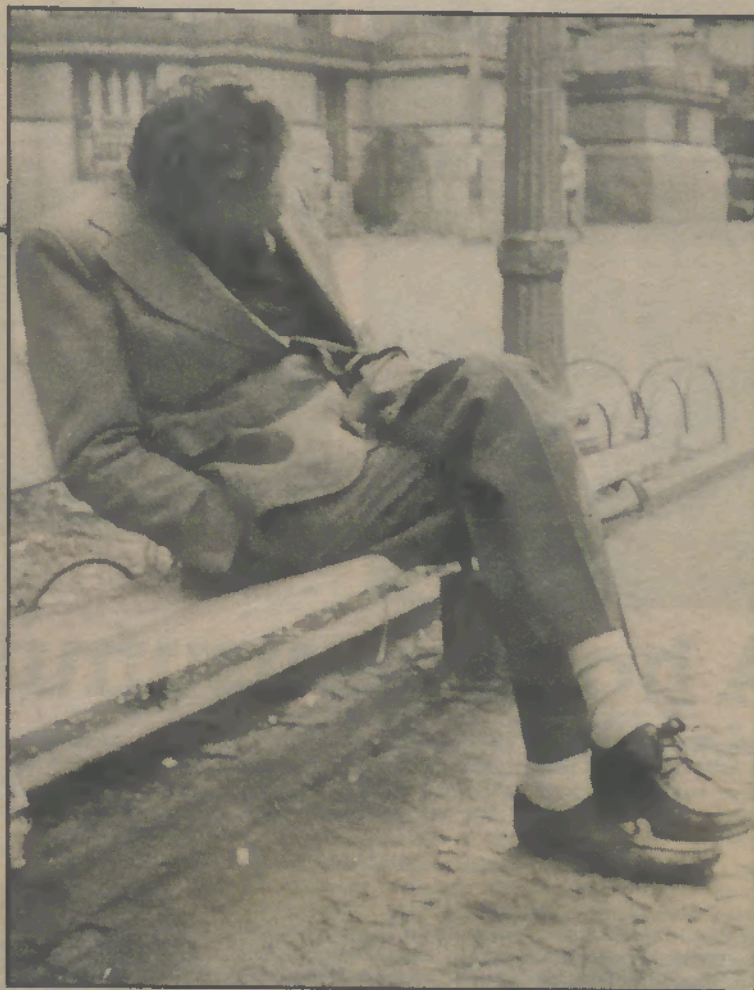
7

NO ALEJA DUELCEMENTE
DE RANCORES I VIOLENCIAS

EL SABER



3 NI EL MÁS CLARO PROCEDER



4 NI EL MÁS ANCHO PENSAMIENTO

ENDIENTE



8. SOLO EL AMOR CON SU CIENCIA
NOS VUELVE TAN INOCENTES

"Volver a los 17" é um ensaio fotográfico. Mas não é só isso. Trata-se de uma reflexão sobre crianças e velhos, seu mundo de dor e prazer, a proximidade surpreendente destes opostos.

"Volver a los 17" é uma música de Violeta Parra, da qual usamos alguns versos para transmitir saber e emoção.

Participam do ensaio: Ana Cláudia Gruszynski (6, 7), Angela Sander (1, 3, 5, 8), Lais Chaffe (2) e Marta Frandoloso (4).



Terceira idade:

SPAAN acolhe idosos

Mara Conde



Ana Elisa vê novelas



Casa de Tango Mano a Mano

A hora de usufruir a vida

Terceira Idade. Época de aposentadoria, momento de descansar. Depois de 20, 30 anos de trabalho, eis que chega a hora de usufruir a vida. É tempo de curtir os netos, passear pelos parques sem pressa, simplesmente não fazer nada.

Esta porém não é a realidade de Mário Mexias, 69 anos, aposentado pelo Banco Central do Brasil. Mexias atua como secretário da Associação Brasileira de Golfe Sênior e no Conselho Deliberativo da Associação Leopoldina Juvenil, onde se ocupa bastante. Engenheiro-agrônomo, tem como distração a botânica e comenta que fez levantamento e que catalogou as plantas do Porto Alegre Country Club. Joga golfe. Curte muito teatro e, na Páscoa, quando esteve no Rio de Janeiro, assistiu à peça "Sábado, Domingo e Segunda", com Ari Fontoura e Paulo Gracindo. "O Nome da Rosa", em vídeo, o impressionou. Tem dois filhos homens, casados, mas ainda não tem netos.

Já Gerônimo Reginaldo Pereira, 53, engraxate há 13 anos na Praça da Alfândega, tem na tarefa de cuidar dos nove netos a sua principal distração. De vez em quando, curte um bom futebol.

Com duas filhas e uma neta, Ana Elisa da Silva, 66, dona-de-casa, vê muito televisão, destacando as novelas como suas favoritas. Gosta, também, de passear com a filha de 16 anos.

O carpinteiro José Flehr, 68, aposentado por invalidez, gosta mesmo é de sentar na praça, tomar um solzinho, ler um jornal e conversar com os amigos. Quando dá, vai a baillões, "de preferência bem longe de casa", diz, "para que os conhecidos não falem que o velho anda aí".

Ema da Silva Brito, 61, desde 1954 é florista. Hoje ocupa um ponto na Otávio Rocha, esquina Vigário José Inácio. Com uma filha, Ema diz que sua principal distração é fazer comida. De bailes nunca gostou, nem quando moça.

Com 67 anos, Maria de Lourdes Almeida Chaves trabalhou a vida toda na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos ("fui colega do Collares, o prefeito, gente boa", diz ela). Maria era telegrafista, hoje está aposentada. Gosta muito de teatro, cinema e televisão. "A Cor do Dinheiro", com Paul Newmann, foi o último filme que viu. "Minha filha

achou monótono, mas eu gostei", afirma. Maria teve três filhos. O primeiro morreu. Então, para preencher o vazio, ela adotou sete crianças. "Por puro egoísmo", diz ela, "eu não queria ficar só". No intervalo de dez anos, nasceram seus outros dois filhos.

VELHO X MÚSICA

A música é uma constante na vida das pessoas. Cada etapa de suas vidas tem uma passagem musical. Da cantiga de ninar, que as embalava no berço, à melodia triste que marcou a despedida de um amor, sempre têm uma lembrança.

Dos entrevistados, somente o engraxate Gerônimo disse não gostar de música.

Os demais, sem exceção, apontaram Nelson Gonçalves como o grande ídolo de todos os tempos. A seu lado, figuram Agnaldo Timóteo, Ângela Maria, Altamar Dutra, Agnaldo Rayol.

A florista Ema inclui em sua lista, também, Chico Alves. Já Maria de Lourdes refere-se a Julio Iglesias e Manolo Otero, cada um no seu estilo.

O carpinteiro José, que gosta de baillões, coloca também entre suas preferências as músicas gaúchas.

Os espaços para os velhos se divertirem, chamados "clubes de coroas", onde podem dançar as músicas de seu tempo, estão pouco a pouco sendo invadidos por uma faixa etária mais reduzida (30 e menos de 30 até).

É o caso da Casa de Tangos Mano a Mano, na Av. Independência, outrora um recanto de encontro dos mais velhos (na faixa de 50,60), que hoje já tem em seu público pessoal mais jovem.

No Star Club, na Av. Assis Brasil, existem dois salões: em baixo, para os jovens, em cima, para os maiores de 30. Porém, não se faz controle de carteira de identidade, portanto devem medir a idade pela aparência do rosto.

No Seresta, na Av. Benjamin Constant, o espaço é disputado igualmente pelos mais jovens e pelos mais velhos, numa alegre democracia.

Em matéria de música, dá de tudo: bolero, sambas, tangos, fricote, rock.

Mara Regina Conde



Nove netos ocupam seu lazer



"Fui colega do Collares"

Chegou o mês de julho. Na lembrança de muitos moradores dos bairros Teresópolis, Nonoai e Cavalhada surge o cenário das ruas vazias, escuras e abandonadas, típicas de um dia de inverno. À noite, os barulhos reduzidos são interrompidos com a chegada de uma camionete que, diariamente, abre suas portas para "mendigos e abandonados que trazem consigo, como maior aprendizado de vida, a fome, a miséria". Arnaldo Schiphorst Junior, presidente da SPAAN — Sociedade Porto-Alegrense Auxílio Necessitados — inicia o relato do percurso da entidade que este ano completa 56 anos de existência.

Tudo começou com um pequeno grupo que coletava dinheiro para servir de auxílio a "uma pequena parcela de carentes e abandonados" desta capital. Com a evolução da idéia, o grupo se fez conhecido, recebendo, como doação da família Ganza, a área que ocupam até hoje, na Avenida Nonoai. Antigo galpão de madeira, atualmente se mantém como uma forte instituição de auxílio aos idosos, consequência das doações mensais recebidas de pessoas físicas e jurídicas, sem desmerecer, é claro, o trabalho realizado pelos sucessores dos fundadores e pelas irmãs voluntárias.

INSTITUIÇÃO OFICIAL

Na cidade de Porto Alegre são poucas as instituições que se destinam aos velhos carentes. Clínicas geriátricas se apresentam em grande número. Porém, o custo dessas acaba por torná-las inviáveis.

A SPAAN tornou-se oficial em 1983. Foi a partir desta oficialização que se criou um regulamento que até hoje é seguido. A primeira regra é a que estabelece a idade mínima, para o homem é 65 anos, e para mulher, 60 anos. A segunda, a mais importante, é a que se refere ao fato de que o idoso deve ser comprovadamente carente, sem responsáveis que lhe pudessem oferecer todas as condições de vida.

No total são 200 os internados atualmente na entidade, que, diga-se de passagem, já apresenta-se lotada para que realmente o trabalho seja válido. Porém, não se torna menos preocupante, para o presidente da instituição, os 43 idosos que se encontram à espera de uma nova vaga.

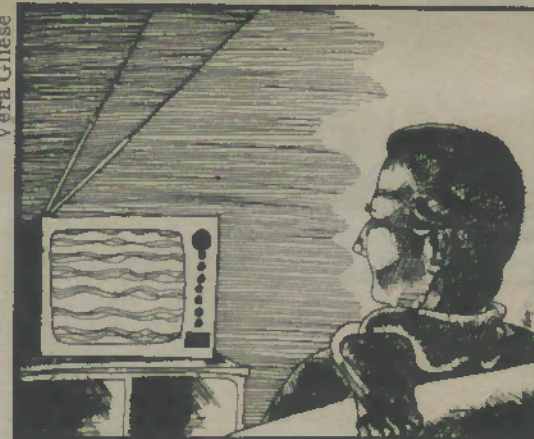
O TRABALHO

Há trabalho para todos. Não são só os idosos da SPAAN que se tornam dependentes. Grandes empresas industriais consideram o trabalho realizado pelos moradores da instituição muito precioso. Numa das salas localizadas no recinto, encontram-se vários idosos que, com uma prática destacável, montam prendedores, tampinhas de garrafas e bolinhas de natal. Mas, como diz um velho ditado, "não é só de trabalho que se vive". É baseado nisso, que muitos visitantes do local se reúnem com os internados para a organização de festinhas, passeios e muitas outras diversões, que possam promover "um bom fim de semana".

Luciane Flora Costa

Os velhos vivem via Embratel

Vera Gillese



O Brasil possui cerca de 75 milhões de telespectadores espalhados em seu território. Desta multidão que pára e sonha defronte às telinhas todos os dias, quantos serão os idosos? Difícil dizer. O Censo não sabe. Na verdade, a televisão não tem uma preocupação especial com esse público. A programação da maioria dos canais se direciona para crianças, jovens e adultos. O máximo que faz é um pro-

grama que atinja todas as faixas etárias, como é o caso das novelas da Rede Globo.

Este fato, no entanto, é apenas um reflexo de uma situação mais abrangente: não apenas a televisão, mas a sociedade como um todo não se preocupa com o velho, esquecendo de proporcionar-lhe qualquer forma de lazer e considerando-o um incômodo.

TV AMIGA

Esquecida e desprezada, a grande maioria dos idosos acaba relegada a um canto da sala ou de um asilo, geralmente perto do aparelho de tevê. Com ele, mantém um certo contato com o mundo exterior.

O que a televisão tem a oferecer para esse público? De um ponto de vista da programação, muito pouco, já que não pesquisa nem produz especificamente para esta faixa. Mas falando por um lado mais analítico, o que ocorre é que a falta de outras opções faz com que a televisão vire um ponto de ligação com o real. Na opinião da psicóloga Evelise de Césare, "a tevê cria uma relação mais íntima, mais forte e mais afetiva do que a que existe com os próprios familiares". Isso faz com que os velhos deem uma importância exagerada aos dramas das novelas, ao ódio pelo vilão e à solidariedade pela mocinha, se inserindo na história como se fosse a sua própria, exatamente porque a sua perdeu o romantismo, a beleza e a emoção.

O SILVIO FALOU

Num outro extremo, segundo Evelise, estão aqueles velhos extremamente solitários que assumem uma intimidade e uma credibilidade sem limites nos animadores de programas de auditório. Pessoas como Flávio Cavalcanti, Sílvio Santos e Hebe Camargo tornam-se senhores incontestáveis da verdade, pobre verdade.

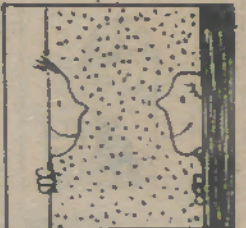
Quando o que o Sílvio falou passa a ser mais importante do que a própria realidade, temos aqui não uma causa, mas a consequência de uma situação triste e vergonhosa: a solidão e o desespero da velhice.

Consultado, o geriatra Edilberto Fialho foi categórico: "Na falta do que fazer e com quem conversar, só resta aos idosos se relacionarem com máquinas, como o rádio ou a televisão, já que para as pessoas estão sempre relegados a um segundo plano. Isso é alarmante".

Fabricando pequenas e digeríveis ilusões, a televisão faz com que o velho possa esquecer um pouco do indigesto mundo que ocorre fora da tela. No ar, um campeão de audiência. Nas ruas, a mais dura realidade.

Angela Sander

Um encanto, um desafio



Por entre o CO2 de corredores de ônibus, vai e vem de pessoas e carros, parece praticamente impossível encontrar um ambiente de tranqüilidade. Ainda mais tratando-se de Protásio Alves próximo ao trevo da Carlos Gomes.

Pois bem: um lugar assim existe. Não propriamente Xangrilá ("o horizonte perdido"), mas um apartamento que embora de frente para a avenida e no segundo andar — consegue acolher contínuos respiros de paz. Quem respira? Mário e Aylida. Ele, 88 anos e meio; ela, 74 e meio.

Percorrer os 24 degraus que levam ao seu "ap" (número, a propósito, que eles fazem questão de mencionar), tocar a campainha e conhecer o casal Reis, é terminar, sem dúvida, por classificar este lar como aquele "lar doce lar".

Dr. Mário, com sua bengala e o rotineiro par de tênis preto, parece um idoso tipo "avô de Lili". Não ouve direito, anda meio esquecido, caminha devagar e faz movimentos cuidadosos.

Dona Aylida, ao invés, fala com volume máximo (que é para o Mário ouvir), tenta ser a memória dos dois, anda de braço com o marido, extrovertida dos pés à cabeça. Além disso, o grande orgulho da "dupla dinâmica" é ainda ter coragem de andar de ônibus.

Tudo simplesmente normal. Mas por trás de tamanha normalidade, entrevê-se um profundo relacionamento de amor. Um grande amor um ao outro, um imenso amor à vida.

"Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite. Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperanças e desejos nunca se estendem além de cinco minutos"...

Mário Quintana

QUER CASAR COMIGO?

Sua história, porém, não é tipo amor à primeira vista. Aylida, da primeira turma de assistentes sociais do Brasil, sempre foi uma lutadora de primeira fila. Morava no Rio e percorria o país divulgando a nova profissão, dirigindo diversos trabalhos neste campo.

Mário, engenheiro da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, diretor do Departamento de Pessoal, fomentava diversas iniciativas de caráter social. Viajando ao longo da linha, ele deparou-se com enormes dificuldades enfrentadas pelas famílias dos operários da viação e assim, à margem do trabalho profissional, fundou o Circulo Operários, introduziu o abono familiar, organizou o sistema de cooperativas e ajudou a fundar mais de cem escolas.

Em uma das vindas de Aylida ao RGS, os dois se conheceram. Durante muito tempo, mantiveram contato profissional, encontrando-se esporadicamente em congressos, escrevendo-se de vez em quando. "Nos conhecemos durante 12 anos e não houve a menor

intenção sentimental, apenas lutávamos pelo mesmo ideal. O meu ideal social era o mesmo de Mário. Então, esta era a afinidade que existia entre nós. Vimos que juntos poderíamos trabalhar melhor e assim, resolvemos nos casar."

A peculiaridade é que Mário era viúvo há vinte anos e Aylida, aos 40, casava-se pela primeira vez. Os dois realmente "abafaram". Mil andanças pelo país e pela América Latina, realizando tudo o que podiam por este "ideal social".

O SONHO ACABOU?

Chegou a aposentadoria e embora nunca estejam realmente parados nesta sua luta, é verdade que as atividades diminuíram. "O nosso dia-a-dia agora é de duas pessoas idosas" — diz Aylida. E como é?

Os olhos dela brilham em resposta, enquanto Mário esboça um sorriso. "Realmente, estamos um pouco confinados em função da idade, porém do ponto de vista "do ideal" continuamos com muita vitalidade. Participamos de tudo,



Ana Cláudia Gruszynski

mesmo que não mais diretamente como antes. E isto tanto em nível de economia, política, educação..."

Faz-se um silêncio amistoso. Dona Aylida retoma o discurso como alguém que está prestes a revelar um segredo. "Uma das coisas que foram decisivas nas nossas vidas foi nunca viver um cristianismo limitado. Esta visão ampla nos dá uma força muito maior de viver, por que não ficamos pensando em nossos problemas pessoais, nas nossas dificuldades. Temos que lutar por grandes ideais. Somos velhos

de idade, mas não de espírito". Mário e Aylida Reis vom com o pensamento e, porque não dizer com sua "anima". Nem mesmo o corpo cansado e doente serve de âncora.

Ao deixarem seu "ap" para dar uma volta no supermercado, levam consigo a tranqüilidade, este algo mais que é uma incrível vontade de viver cada instante. Vê-los passar por entre as pessoas, o corre-corre, é como receber um desafio da vida.

Ana Cláudia Gruszynski

SPLÉET

Uma câmera-policia percorre as ruas do centro da cidade. Caminhando entre a multidão ela fiscaliza as pessoas; misturas de punks, darks, hippies, yupies, carecas, gaúchos e todos os outros gêneros que existam ou que possam existir; além da própria multidão. Tudo é rápido e confuso.

Em plano geral a câmera-policia começa a observar mais atentamente uma pessoa, ela está entre um grupo de pivetes, caminhando sem parar. Um plano mais aproximado — aquele clássico abaixo dos joelhos — mostra que ela não usa nem coldre nem revólver. Cortando a sua cintura, seu sexo começa a ser delineado, embora use cabelos quase raspados parece ser uma pivete. Um close a define: pele bem branca, olhos azuis e um superolhar irônico. A câmera passa, outras pessoas são mostradas.

Num determinado momento, através de um "chicote", a pivete é flagrada exatamente na hora em que ela bate a carteira de um tipo exótico que caminhava despreocupadamente. A câmera fixa o roubo, como se tivesse fotografado o instante, e a pivete imediatamente percebe que foi flagrada. Tudo é muito rápido e muito confuso.

A câmera inicia a perseguição. No meio da multidão, que apenas contempla o que está acontecendo, a pivete dispara. Correndo desesperadamente, ela às vezes olha para trás, tentando livrar-se da perseguidora.

Depois, numa rua mais calma, a câmera mantém a pivete a uma distância média, até que de repente ela desaparece. Aproximando-se, agora lentamente, a câmera começa a detalhar o prédio onde provavelmente a pivete entrou. É uma antiga fábrica, que pelo seu estado de

deterioração está desativada há alguns anos. A câmera percebe um portão entreaberto. Entra.

A partir deste momento a perseguição se modifica. A câmera demonstra receio em todos os seus movimentos, pois ela não mais vê a pivete e tudo na fábrica é desco-

nhecido... a ação passa a ser de suspense.

A câmera percorre todos os compartimentos da antiga fábrica. Por entre os escombros ela encontra sapatos velhos, espelhos, samambaias, livros, mesas, mapas, ruídos.

Um destes ruídos, que se assemelham a passos, é percebido num andar superior do prédio, uma espécie de sótão. Subindo lentamente as escadas de acesso, a câmera encontra uma porta fechada. Ela hesita por um instante. Alguns segundos depois a câmera entra bruscamente no compartimento. E para a sua surpresa ela não encontra um ambiente sujo, com a marginal deixada no contrapiso: ao contrário, ela chega a ficar embriagada com o ambiente que encontra.

Aos poucos ela detalha este ambiente: uma mistura de luxo, kitsch e futurismo, algo completamente diferente e inesperado. Embevecida, a câmera passa a notar a pivete, que está com uma expressão irônica, quase séria. Com os braços cruzados, em sua cama suspensa, a pivete espera a aproximação da câmera. Quando ela está bem próxima, a pivete descruza os braços e aponta uma arma para a câmera, frontalmente.

Em câmera lenta a pivete dispara o gatilho da arma, que despeja um líquido vermelho na lente da câmera, escorrendo até fazer um "fade".

Beto Costa Souza



Angela Sander



Violência e abandono causam suicídio infantil

Os óbitos infantis nos países subdesenvolvidos têm como causa comum a fome e a falta generalizada de condições do povo. Mas dados novos engrossam as estatísticas em todo o mundo, acusando hoje, um elevado número de suicídios na infância.

Conflitos mais ou menos intensos, falta de comunicação com o ambiente, desesperança, carências, competição exagerada, desprezo e desamor. Estes são apenas alguns dos motivos que podem explicar, atualmente, o elevado índice de suicídios por parte de crianças.

Parece que algumas causas deste mal começam a acontecer muito cedo, já quando nasce um indivíduo. Recém-saído de um estágio de quase passividade no útero materno, logo precisará vencer inúmeras barreiras visando o domínio de seu próprio corpo e também de todo um mundo novo ao seu redor. Mais tarde, entre 15 e 36 meses, será o tempo de desenvolver a autoconfiança, o senso de iniciativa, e também a própria autonomia.

Conforme o psiquiatra Aristides Volpato Cassioli, professor do Curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é comum que os bebês que já começaram a andar e falar enfrentem, nessa fase, uma série de problemas sociais, envolvendo o desequilíbrio entre as habilidades motoras e a sua pequena capacidade mental. Por isso, prossegue o professor, a presença de pais que não toleram desordem, ou que superestimam a capacidade da criança em se conformar, ou regular seus impulsos, pode levá-la a crescer sentindo-se "má", desobediente, cultivando sentimentos de culpa, vergonha e desvalia.

Dentro deste panorama, se o problema não for superado através de um atendimento condizente por parte dos pais, além do auxílio de um profissional competente, a criança irá desenvolver-se sem superar suas crises depressivas e, freqüentemente se apresentará frágil diante da menor dificuldade que tiver.

Por isso, é possível afirmar que a inexistência de um caminho emocionalmente equilibrado na trajetória da criança vai determinar nela toda uma carga de sentimentos ambíguos. Ela desejará viver e morrer ao mesmo tempo. Então, dentro de determinados códigos para os quais a família precisa despertar, cha-



Montagem de Rosa Manchessi

mará atenção sobre si, através de acidentes. Desta maneira, criança levando tombos todos os dias, ingerindo remédios errados, e em doses excessivas, sofrendo constantes queimaduras, apresentando baixo rendimento escolar, precisa de orientação ou tratamento.

Um estudo elaborado pelo pediatra Ricardo Feijó, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, informa que este tipo de suicídio faz parte de um quadro depressivo geral e que pode acontecer em qualquer etapa da vida de uma criança. Conforme o pediatra, basta para tanto, que um conflito a sensibilize, aumentando-lhe a angústia de tal forma que ela, de modo consciente busque o suicídio.

O Hospital das Clínicas de São Paulo já possui um setor de emergências, aten-

dendo crianças e adolescentes que se atiram de janelas, que correm na frente dos carros quando o sinal está aberto, que ingerem grandes doses de veneno ou tóxicos. Quando avalladas psiquicamente, as respostas são sempre iguais: medo, abandono, solidão.

No Japão, onde a competição escolar e a exigência de alto desempenho não possui limites, os numerosos casos de suicídio infantil já merecem estudos e todo o cuidado. Enquanto isso, aqui, apenas os primeiros passos começam a ser dados. No Brasil da FEBEM, no Brasil que exporta crianças para os países desenvolvidos, os menores continuam sendo as maiores vítimas da miséria, do esquecimento e do desamor.

Rosa Manchessi

Os limites da vida

"Velhice não é doença", alerta a Dra. Jussara Brutschin Fernandes, geriatra e endocrinologista do Hospital Mãe de Deus e Molinos de Vento, "mas tão somente um período de vida, na medida em que podemos conceituar período de vida, porque, na realidade, a vida é um envelhecimento constante".

Para fins didáticos, contudo, costuma-se estabelecer que uma pessoa atinge a velhice aos 65 anos. Esta definição cronológica e simplificada demonstra a dificuldade para se encontrar parâmetros para definir o que é ser velho. Por exemplo, mesmo que se tome como denominador comum do padrão de velhice a degeneração vascular, sabe-se que um estudo no tecido de artérias de jovens soldados americanos mortos na Guerra da Coréia demonstraram claramente evidências de aterosclerose (espessamento da parede dos vasos sanguíneos que dificulta a circulação do sangue). Neste caso, o fator desencadeante foi mais a tensão emocional do que a idade. Em outro extremo encontram-se as pessoas idosas com alterações biológicas mínimas. "Isto evidencia que o envelhecimento é determinado também por fatores ambientais e não só pelo tempo", salienta a Dra. Jussara.

Cada espécie tem uma vida-limite definida intrinsecamente (por fatores genéticos), por exemplo: o camundongo vive no máximo até três anos; o cavalo 40 anos; e o homem, 115 anos. Agora, se tal tempo não for alcançado, isto se deve a influências extrínsecas sofridas. Determinantes genéticos estabelecem a vida esperada, e ambientais, a vida obtida.

ALTERAÇÕES

Com o passar dos anos, os diversos sistemas no homem tendem a sofrer alterações fisiológicas. A pele perde elasticidade, produzindo rugas. O coração diminui a capacidade de resposta aos esforços devido a uma maior rigidez das válvulas cardíacas. O sangue circula com mais dificuldade, devido ao espessamento das paredes arteriais. A capacidade renal também tende a alterar-se, com os rins se atrofiando: o peso médio de um rim, aos 30 anos de idade, é de 270 gramas, e, aos 90, de 185 gramas.

A partir dos 25 anos começa a ocorrer a perda progressiva de neurônios resultando na diminuição de peso da massa encefálica e da capacidade de percepção e de memória, além de dificuldades visuais e auditivas. Alterações no cérebro, órgão responsável pelo tônus muscular e coordenação motora, originam hipotonia (menor tensão muscular) e aumento de incoordenação. Processa-se, também, a diminuição progressiva da velocidade de condução nervosa e intensidade de reflexos.

Quanto ao aparelho digestivo, são comuns os divertículos (saliências da mucosa intestinal), que causam diarreias e hemorragias, visíveis ou não que causarão anemias. A capacidade respiratória diminui, devido à diminuição da elasticidade do tecido e artérias pulmonares. A estatura também diminui gradualmente. Em média perde-se 1,2 cm em cada 20 anos, e isto se acentua dos 70 aos 90 anos. E, por fim, a capacidade reprodutora igualmente sofre alterações, com a diminuição da produção de ovulos na mulher até a esterilidade, e um processo regressivo gradual na produção de espermatozoides no homem, mas não necessariamente até a esterilidade.

Claudete Barcellos

Velhos são sinônimo de inutilidade e morte

O processo de envelhecimento se dá a partir do nascimento e é normal. Entretanto, seus resultados são maiores depois da sexta década. O envelhecimento envolve o organismo como um todo. Suas consequências atuam sobre o funcionamento mental e nas relações do organismo com seu ambiente físico e social.

Os velhos são considerados pela nossa sociedade como inúteis e usurpadores dos direitos dos moços. Na China e Japão os velhos são considerados como "tesouro de sabedoria" e dão-lhes todo o valor e carinho que bem merecem. O estágio de civilização de um povo pode ser medido pelo modo como trata e considera a velhice.

Até mesmo o conceito de velhice sofre influência do tempo e das mudanças culturais. A idade aceita pela maioria como marco divisorio entre maturidade avançada e a velhice era de 65 anos. Hoje em dia já se considera dois tipos de velhice: a que vai dos 65 aos 73 anos, que seria a velhice jovem e dos 74 em diante, a velhice propriamente dita. A pessoa também tem, na realidade, três diferentes idades ao mesmo tempo: a idade cronológica, determinada pelo número de anos que viveu; a biológica, pela condição e estado do seu corpo e

finalmente a psicológica, avaliada por aquela idade que a pessoa sente ter, a maneira de agir.

As conclusões mais comuns que são consideradas inerentes à velhice são: problemas de saúde, solidão, problemas financeiros, dependência, o fato de serem negligenciados e rejeitados pelos jovens, melancolia e apatia, o medo da morte, a aposentadoria compulsória e a perda das suas habilidades em geral. Na realidade, encontram-se como problemas principais da velhice os problemas de saúde e aposentadoria, sendo os demais estereótipos que contribuem para o que é denominado de ageísmo (ageísmo ou anclianismo é um tipo de preconceito como o racismo).

Os próprios velhos carregam esses estereótipos e os atribuem a outros velhos sempre se julgando exceções. A associação entre velhice e morte parece ser, então, a maior responsável pelos medos irracionais da velhice. O receio da morte tem origem em três fatores: o medo da dor e o sentimento de angústia que está implícito na morte; a tristeza de deixar os entes queridos e todas as suas coisas; e, talvez, a mais importante, o medo do desconhecido.

O envelhecimento produz mudanças que

requerem uma constante elaboração e aceitação pelo indivíduo. A aparência é uma das alterações mais evidentes. Uma pessoa imatura, com traços narcisísticos de personalidade, pode encarar essas transformações comuns como uma tragédia e vivenciar ansiedade e depressão.

Quando o homem não consegue mudar a realidade, por vezes, ele tende a se refugiar na fantasia e sonha com a eternidade. Mitos e religiões estão marcados por fórmulas e soluções para encontrar alternativas diante da morte.

A consciência e a mente em ebulção constante das pessoas descobre, estuda, tenta modificar e controlar os fenômenos naturais. Apenas a morte continua tão próxima, atuante e totalmente imutável nesta batalha, perturbando profundamente o homem.

Baseando-se nisso nossa civilização, imediatista e utilitária, cria um complicado mecanismo de preconceitos contra a velhice. Torna-se evidente a urgência de uma reformulação da sociedade. A velhice só se torna uma preparação para a morte quando se renuncia a um projeto de vida, quando se mata uma esperança.

Márcia Balbão



Creche: escolha difícil

No passado, as poucas mulheres que trabalhavam fora de casa não tinham muita opção: ou uma das avós tomava conta da criança ou procurava-se uma babá de confiança. Com a velocidade com que os hábitos foram mudados, e o surgimento de novos métodos de educação, deixar os filhos com os avós tornou-se motivo de conflito entre eles e os pais.

Alem disso, algumas das novas avós são profissionais que têm suas horas ocupadas pelo trabalho e só podem dar uma mão no fim de semana ou à noite, para que o casal possa curtir um cinema. Boas babás, em nossos dias, são exceção. E já existe também quem questione o fato de entregar os filhos a uma pessoa sem nenhuma formação apropriada.

A creche é uma possibilidade nova, e como tal ainda encontra muita resistência, principalmente entre as pessoas mais velhas. Certamente todos já ouviram frases do tipo: "Coitadinho, tão pequeno e largado numa creche..." ou "Que maldade, esse bebezinho pra lá e pra cá, com chuva ou sol...".

Para Ivete Ferreira, coordenadora de creche, a mãe tem muitas dificuldades em se separar de seu filho, deixando-o nas mãos de estranhos. Para que isso seja superado, ela sugere que o primeiro passo seja o de familiarizar-se ao máximo com a creche, suas instalações e as pessoas que lá trabalham. Durante o período de adaptação, necessário na maioria das creches, a mãe pode ir observando as acomodações, o lugar onde seu filho vai dormir, tomar banho, brincar e fazer suas refeições.

Ivete explica que para uma criança se adaptar plenamente é preciso haver um verdadeiro diálogo entre seus pais e o pessoal da escolinha. O pequenino é sempre o reflexo do que são seu pai e sua mãe. Daí, segundo a coordenadora, ser tão importante o entrosamento entre as duas partes.



Opção para as mães que trabalham fora

Ela salienta porém que a creche tem seus pontos vulneráveis. Apesar de contar com seus pediatras próprios, que examinam as crianças e acompanham seu desenvolvimento, é em relação à saúde que existem as maiores restrições. É claro que num ambiente com muitas crianças um ou outro tipo de resfriado poderá ser pego com mais frequência. Contudo, Ivete afirma que isto é pouco significativo se for levado em conta o quanto a criança ganhará com sua vidinha ao lado de outras crianças e de pessoas que gostam dela.

Para melhor concluirmos o que é uma creche e o que representa para uma criança tomamos o depoimento de Ana Lúcia, uma mãe que optou pela creche há pouco tempo mas está satisfeita com os resultados: "Meu filho, o Bruno está com dois anos e pouco. Ele

foi para a creche com um ano e dez meses. Antes, ficava com os avós e estava muito mimado. Agora, eu sinto que ele é uma criança feliz, muito mais alegre. Canta suas musiquinhas, torce pelo Brasil em época de Copa. Cada dia, chega com uma novidade da escola. Ele come bem. Dorme bem, brinca com as outras crianças. Estou trabalhando muito tranquila porque sei que ele é bem tratado lá. Se estivesse com os avós, é claro, estaria sendo bem tratado também. Mas teria convivido apenas com pessoas adultas e seus problemas. Lá não, ele está no mundinho dele. Aprende aquilo que sua cabecinha quer aprender. Eu sinto que ele é feliz e por isto não me culpo por colocá-lo na creche".

Mara Rejane Dias

Ampulheta infantil

"Até parece que nunca teve infância". Quem nunca ouviu uma frase deste tipo, especialmente quando se deixa levar por um sentimento do tipo "deixa que pensem o que quiserem?" Pra ser criança basta ter nascido. Mas para manter vivo este sentimento de liberdade e fantasia, é preciso muita coragem e disposição.

Dança de roda, cabra-cega, chefe-manda são brincadeiras que não se desatualizam, independentemente de XUXAS ou HE-MANS. Fáceis e simples, elas mexem fundamentalmente com a cabeça e o corpo.

Trabalhos manuais podem ser estimulados em casa ou em locais pretensamente especializados, como uma Casa de Cultura Mario Quintana ou em outras escolinhas de arte. A vantagem destes lugares é que ali existem pessoas com paciência e tempo para dispensar às crianças. E as mães não têm que limpar as descobertas que os filhos acabam inevitavelmente fazendo com lápis, massinha de modelar e tintas.

Desenhar com giz no chão lavável ou no quadro-negro e inventar histórias que podem caber num livro ou não, são brinquedos baratos e divertidos. Num dia de chuva, os pais às vezes não querem sair de casa para um cinema ou teatro para não se molharem,

com a desculpa de que as crianças podem pegar uma gripe. Nestas horas, o ideal é escolher uma boa música no rádio ou um disco bem antigo, relaxar e deixar a imaginação fluir numa história doce, numa lembrança engraçada ou numa fantasia louca. E aí ouvir o que os pequenos têm para dizer, e cantar com eles a música que só eles sabem a letra.

BRINQUEDOS UNIVERSAIS

Também sempre há chance de se encantar com o futuro, manipulando o presente e o passado, descobrindo possibilidades e treinando sentimentos. Nestes jogos não há praticamente regras ou punições que não deixem marcas profundas. Por isso, é sempre bom tomar cuidado com os mais sensíveis.

De todas as mais tradicionais e bonitas, não existe brincadeira que se iguale ao amor. Amor materno, amor fraterno, amor paterno, amor de amigo, ou simplesmente amor pela vida. Perigoso, irresistível, indócil, difícil de entender, é o tipo de jogo que envolve muitas regras, mas tende a agradar sempre. Para participar, pode ter 2, 10, 20, 30 ou muitos anos. Basta ser criança. Eternamente.

Clarinha Glock

Menor e constituinte

Os menores de 18 anos também têm reivindicações e esperanças na Constituinte. Nove projetos com referência a eles foram enviados ao Congresso Nacional. Alimentação, saúde, educação, maternidade e gestação, crianças excepcionais e trabalho são as principais preocupações.

Diversas entidades reunidas no período de dois de junho a 22 de setembro do ano passado na cidade de São Paulo elaboraram a Carta de São Paulo "Menor e Constituinte". As idéias principais enviadas à Constituinte foram: o Estado e a Comunidade devem à criança uma vida digna; "O Estado não pode permitir em hipótese nenhuma o uso da violência, mesmo dos pais".

A Carta enfatiza o setor de saúde: "É preciso enfrentar a realidade de que somos um país doente". E sugere a fixação de uma porcentagem mínima necessária dos recursos financeiros do país.

PARTIDOS E O MENOR

"Os municípios e o Distrito Federal são obrigados a recolher e educar os menores abandonados" é a base da proposta do Partido dos Trabalhadores. E os orçamentos municipais que não prevejam recursos para tal poderão ser impugnados por qualquer

pessoa perante o poder judiciário.

Para o Partido Comunista Brasileiro, o menor deverá ter especial proteção do Estado. Deve assegurar desenvolvimento sadio, proporcionando à criança carente ou abandonada uma política assistencial intensa e contínua, com a participação da comunidade.

A Fundação de Atendimento ao Menor do Rio de Janeiro — FAMRJ — participa na constituinte com dois anteprojetos que visam ao atendimento hospitalar à infância carente e às gestantes, além da criação de um plano que permita o acesso de todos os pais a métodos contraceptivos. Outra preocupação da FAMRJ é a regulamentação do trabalho do menor.

TRABALHO E EDUCAÇÃO

O menor tem direito ao trabalho e à educação integral. Para a adequação dos dois, a maioria das propostas sugerem que a idade mínima de trabalho seja de 14 anos (atualmente é de 12) e que a jornada máxima seja de quatro horas.

Também tem direito ao salário mínimo sem discriminações e não pode trabalhar em condições de insalubridade, nem durante o período noturno, conforme as medidas pro-

postas pelo projeto de constituinte da Comissão dos Notáveis.

O ensino é outra área prioritária e aparece em quase todos anteprojetos. Ele só é democrático se todas as crianças tiverem acesso às escolas e estas oferecerem qualidade. A Carta de SP "Menor e Constituinte" cita, em especial, o atendimento ao deficiente, através da criação e ampliação de classes e recursos humanos especializados.

Na próxima Constituição devem aparecer, também, mudanças no Serviço Militar. As sugestões são de que ele seja voluntário para ambos os sexos, sem o atual caráter de obrigatoriedade.

A Constituinte recebeu apenas uma proposta que menciona a palavra Idoso: "Os poderes públicos garantirão o seu bem-estar mediante um serviço social que atenda os seus problemas de saúde, moradia, cultura e lazer de modo a evitar a marginalização social".

A preocupação com a terceira idade aparece, também, em propostas que visam a regulamentar a assistência e previdência social, o trabalho e a aposentadoria.

Fernanda Pacheco

Clarinha Glock





FOTO DINHA



Antes, todos os caminhos iam
Agora, todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

ENVELHECER - M. QUINTANA